



O HOSPITAL REAL
DE TODOS-OS-SANTOS:
LISBOA E A SAÚDE

 LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

omnium
sanctorum

ficha técnica

omnium sanctorum

**Projeto Hospital Real de Todos-os-Santos:
Lisboa e a saúde**

Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura

João Diogo Santos Moura

Direção Municipal de Cultura

Manuel Veiga

Departamento de Património Cultural

Jorge Ramos de Carvalho

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Francisco Caramelo

CHAM – Centro de Humanidades

João Paulo Oliveira e Costa | Cristina Brito

Coordenação geral

Jorge Ramos de Carvalho

Gestão do Projeto

Ana Isabel Ribeiro

Edite Martins Alberto

Rodrigo Banha da Silva

Coordenação científica

André Teixeira

Edite Martins Alberto

Rodrigo Banha da Silva

Parceiros

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Assembleia da República

Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central

Metropolitano de Lisboa

Museu da Farmácia

Museu da Saúde

Museu de Marinha

Museu Nacional de História Natural e da Ciência

Patriarcado de Lisboa

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Agradecimentos

Adelaide Brochado, CML/DMC/DPC/AML

André Bargão, bolseiro Projeto HRTS

Camila Amaral, bolseira Projeto HRTS

Filipa Pimenta, CML/DMC/DPC/CAL

Lina Maria M. Oliveira, bolseira Projeto Hospitalis

Maria Teresa Avelino Pires, NOVA FCSH/CHAM

Moisés Campos, CML/DMC/DPC/CAL

Rita Mégre, CML/DMC/DPC

Rui Henriques, bolseiro Projeto HRTS

Sandra Cunha Pires, CML/DMC/DPC/AML

Sara Ferreira, bolseira Projeto HRTS

Arquivo Municipal de Lisboa

Centro de Arqueologia de Lisboa

Museu de Lisboa - EGEAC E.E.M.

Projeto “HOSPITALIS - Arquitetura hospitalar em Portugal
nos alvares da Modernidade: identificação, caracterização
e contextualização” (PTDC/ART-HIS/30808/2017)

VICARTE- NOVA FCT

Livro

Título

O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde

Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura
Direção Municipal de Cultura
Departamento de Património Cultural

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Direção de Cultura
Arquivo Histórico

Coordenação institucional

Jorge Ramos de Carvalho

Coordenação científica

Edite Martins Alberto
Rodrigo Banha da Silva
André Teixeira

Coordenação editorial

Edite Martins Alberto

Apoio editorial

Ana Isabel Ribeiro

Autores

Adélia Caldas
Adelino Cardoso
Alexandre Pais
Ana Cristina Leite
Ana Maria Costa
Ana Patrícia Alho
André Bargão
André Teixeira
António Costa Canas
António Pacheco
Bruno Barreiros
Carla Alferes Pinto
Carlos Boavida
Cristina Moisés
David Felismino
Edite Martins Alberto
Fátima Palmeiro
Filipe Santos Oliveira
Florabela Veiga Frade
Francisca Alves Cardoso
Francisco d'Orey Manoel
Helder Carita
Helena Rebelo-de-Andrade
Helena Taborda
Hélia Silva
Inês Coutinho
Inês Oliveira
Inês Ornellas e Castro
Isabel dos Guimarães Sá
Isabel Monteiro
Joana Balsa de Pinho
João de Figueirôa-Rêgo
Joaquim Barradas
Jorge Fonseca
José Subtil
Júlio Martín Fonseca

Laurinda Abreu
Lina Maria M. Oliveira
Luís Costa e Sousa
Luís Lisboa Santos
Luís Ribeiro Gonçalves
Luíz Damas Mora
Lurdes Esteves
Maria Antónia Lopes
Maria da Conceição Freitas
Maria João Ferreira
Maria João Pereira Coutinho
Maria Marta Lobo de Araújo
Maria Teresa Avelino Pires
Mário Farelo
Milene Alves
Mónica Duarte Almeida
Nelson Moreira Antão
Nuno Falcão
Paula Basso
Paula Serafim
Paulo Catarino Lopes
Paulo Pereira
Rita Luís Sampaio da Nóvoa
Rita Mégre
Rodrigo Banha da Silva
Rute Ramos
Sara da Cruz Ferreira
Sílvia Casimiro
Silvina Pereira
Tiago Borges Lourenço
Vitor Serrão

Design gráfico

Formiga Luminosa, Construtora de imagem

Créditos fotográficos e digitalização

José Vicente, CML/DMC/DPC
e Arquivo Municipal de Lisboa
Biblioteca da Ajuda
Biblioteca Nacional de Portugal
British Library
Câmara Municipal de Lisboa - Lisboa Interativa
Direção de Infraestruturas, Gabinete de Estudos
Arqueológicos da Engenharia Militar
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas
- Arquivo Nacional Torre do Tombo
Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de Arte
Leiden University Libraries
Museu Condes de Castro Guimarães
Museu de Lisboa
Museu Nacional do Azulejo
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Impressão e acabamento

Rainho & Neves; Lda.

Tiragem 1000 exemplares

ISBN 978-972-8543-57-0

Depósito legal 488809/21

Lisboa, 2020

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos.

Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico, sem o prévio conhecimento e autorização da Câmara Municipal de Lisboa e dos respetivos autores.

Índice

APRESENTAÇÃO

- 15 **Câmara Municipal de Lisboa** | Vereador da Cultura João Diogo Santos Moura
- 17 **Santa Casa da Misericórdia de Lisboa** | Provedor Edmundo Martinho
- 19 **NOVA FCSH** | Diretor Francisco Caramelo

INTRODUÇÃO

- 23 | André Teixeira / Edite Martins Alberto / Rodrigo Banha da Silva

UMA ARQUEOLOGIA DO LUGAR

- 39 **O lugar antes da ocupação humana**
| Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas
- 45 **De “casal” na transição do II-I milénio a.C. a arrabalde muçulmano da cidade de Lisboa**
| Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 55 **As *hortas* do Convento de São Domingos**
| Rodrigo Banha da Silva / Filipe Santos Oliveira
- 61 **A Lisboa Manuelina**
| Helder Carita

O MAIOR EDIFÍCIO DE LISBOA MODERNA

- 73 **A arquitetura do edifício: antecedentes, comparações e paralelos**
| Paulo Pereira
- 123 **A representação iconográfica do Hospital Real**
| Ana Cristina Leite
- 143 **Fernão Gomes e o projeto para a pintura do tecto da nave da igreja do Hospital Real**
| Vítor Serrão
- 151 **Dos incêndios de 1601 e 1750: descrição, danos, salvados, meios e intervenientes, medidas complementares**
| Mónica Duarte de Almeida
- 161 **O abastecimento de água ao Hospital Real e saneamento na cidade de Lisboa**
| Ana Patrícia Alho
- 167 **O Terramoto de 1755 e as intervenções de recuperação**
| Adélia Caldas
- 173 **Do Rossio para o Colégio de Santo Antão-o-Novo**
| Maria João Pereira Coutinho
- 181 **Os *berdeiros* do Hospital Real: espaços da história da saúde em Lisboa após 1775**
| Carlos Boavida / Fátima Palmeiro / Luiz Damas Mora

DE HOSPITAL A PRAÇA PÚBLICA

- 187 **As duas últimas décadas do Hospital no Rossio (1750-1775). Acomodar, proteger e assistir os enfermos das injúrias do tempo**
| David Felismino / Inês Oliveira / Helena Rebelo-de-Andrade
- 199 **A génese de um novo espaço urbano: a Praça da Figueira**
| Hélia Silva / Tiago Borges Lourenço
- 209 **O Metropolitano de Lisboa e a redescoberta do Hospital Real**
| Helena Taborda



REFORMA E REORGANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA

- 221 Antecedentes e componentes da reforma da assistência em Portugal nos alvares da modernidade**
| Joana Balsa de Pinho
- 239 Portugal e a Europa: as dimensões da reforma da assistência (séculos XIV-XVI)**
| Joana Balsa de Pinho
- 255 Pobreza e a assistência em Portugal na Época Moderna**
| Maria Antónia Lopes
- 261 A rede assistencial em Lisboa antes do Hospital Real de Todos-os-Santos**
| Mário Farelo
- 281 Um novo modelo de organização hospitalar na modernidade de Quinhentos**
| José Subtil
- 291 Hospitais centrais quinhentista em Portugal**
| Lina Maria M. Oliveira
- 295 O Hospital Real e a Misericórdia de Lisboa no tempo do governo de Sebastião José de Carvalho e Melo**
| Laurinda Abreu

DA COROA À ADMINISTRAÇÃO DA MISERICÓRDIA

- 305 A Ordem de São João Evangelista (Lóios) no Hospital**
| Nuno Falcão
- 311 Da gestão dos religiosos de São João Evangelista à administração da Misericórdia**
| Maria Marta Lobo de Araújo
- 317 As *gentes* e o quotidiano num período de mudança: a administração da Misericórdia**
| Rute Ramos
- 325 *Entre quatro paredes e não só*: as outras instituições no espaço do Hospital**
| Rute Ramos
- 333 Ordens religiosas na assistência hospitalar (Arrábidos, Obregões e Camilos)**
| Rita Mégre / Tiago Borges Lourenço

PATRIMÓNIO E RECURSOS

- 343 A política económica do Hospital: receitas e despesas**
| Rute Ramos
- 351 Prédios foreiros ao Hospital Real**
| Carlos Boavida
- 357 O teatro e o financiamento do Hospital Real**
| Silvina Pereira / Júlio Martín Fonseca

TRATAR A ALMA E O CORPO

- 367 O Hospital Real na medicina dos séculos XVI a XVIII**
| Adelino Cardoso
- 377 O estatuto do doente no Hospital Real e o Regimento de 1504**
| Luís Lisboa Santos / José Subtil
- 385 Placas de identificação dos leitos nas enfermarias**
| Alexandre Pais / Lurdes Esteves
- 389 A criação dos expostos no Hospital Real**
| Milene Alves
- 395 A Confraria da Misericórdia de Lisboa e os sinais das crianças expostas da cidade**
| Francisco d' Orey Manoel / Nelson Moreira Antão

AS GENTES DO CUIDAR E DA CURA

- 403 Cargos, profissões e serviço**
| António Pacheco
- 411 *Por achar que era gente muito limpa a elegeo por ama: officios e limpeza de sangue***
| João de Figueiróa-Rêgo
- 415 A cirurgia portuguesa na génese da atividade cirúrgica do Hospital Real**
| Cristina Moisão
- 419 Cirurgiões, barbeiros e sangradores (séculos XVI-XVIII)**
| Florbela Veiga Frade / Joaquim Barradas / Adelino Cardoso
- 429 Os oficiais de cura letrados e praticantes**
| Luís Ribeiro Gonçalves
- 437 Enfermagem, enfermeiras e enfermeiros**
| António Pacheco

AS PRÁTICAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

- 447 A prática médica e a alimentação nos textos portugueses da época moderna**
| Inês Ornellas e Castro
- 455 Hortas e hortos: alimentação e botica nos séculos XVI e XVII**
| Bruno Barreiros / Adelino Cardoso
- 463 O regime alimentar no Hospital Real no século XVIII**
| Bruno Barreiros
- 471 Manoel Constâncio e a reestruturação da anatomia e da cirurgia em Portugal**
| Luiz Damas Mora
- 477 A botica do Hospital Real**
| Paula Basso
- 487 Um inventário do século XVIII da botica do Hospital Real**
| Ana Cristina Leite
- 509 A morte no Hospital Real: testemunhos do século XVIII**
| Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso

HABITAR O HOSPITAL

- 519 Espaços e distinções sociais (1502-1620)**
| Isabel dos Guimarães Sá
- 529 Vestuário, género e doença no Regimento de 1504**
| Carla Alferes Pinto
- 537 Música no Hospital Real de Lisboa (séculos XVI-XVII): manifestação áulica, terapia ou devoção?**
| Isabel Monteiro
- 541 As merceiras do Hospital Real (séculos XV-XVIII)**
| Maria Teresa Avelino Pires
- 545 Cuidar dos feridos de guerra em Portugal no início da época moderna**
| Luís Costa e Sousa
- 551 Os estrangeiros: doentes e oficiais de saúde**
| Paulo Catarino Lopes
- 561 Os escravos no Hospital Real**
| Jorge Fonseca

EXISTÊNCIAS E PROVIMENTOS

- 569 Entre trastes velhos e produtos não-europeus: a cultura material do Hospital Real no século XVI**
| Isabel dos Guimarães Sá
- 577 Os têxteis da igreja do Hospital Real no século XVI: tipologias e dinâmicas de funcionamento**
| Maria João Ferreira
- 583 A louça de mesa no Hospital Real**
| André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 591 A cerâmica utilitária no Hospital Real**
| André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 601 Outros objetos dos quotidianos do Hospital Real**
| Carlos Boavida / Inês Coutinho

- 611 A cidade de Lisboa e a luta contra as epidemias**
| Edite Martins Alberto / Paula Serafim
- 623 Os regimentos das práticas e dos oficiais da Casa da Saúde (séculos XVI-XVIII)**
| Edite Martins Alberto / Paula Serafim
- 635 Combate às doenças que chegavam por mar (e pelo rio!): os regimentos de 1693**
| António Costa Canas
- 643 A Casa de São Lázaro e a assistência aos leprosos**
| Rita Luís Sampaio da Nóvoa



A CONFRARIA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA E OS SINAIS DAS CRIANÇAS EXPOSTAS DA CIDADE

Francisco d'Orey Manoel
Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Nelson Moreira Antão
Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

O Hospital de Todos-os-Santos acolhia, pelo menos desde 1504 – data da aprovação do seu Regimento – as crianças expostas ou enjeitadas na cidade de Lisboa. Os menores eram colocados na roda do Hospital¹, para que esta instituição se encarregasse do seu acolhimento, sustento e educação.

A partir de 1564 a administração do grande Hospital foi confiada à Confraria da Misericórdia de Lisboa. Na sequência do nefasto sismo ocorrido no dia 1 de novembro de 1755, alguns anos mais tarde, aquela Confraria passou a responsabilizar-se diretamente pela assistência às crianças desprotegidas, criando um Hospital dos Expostos.

Desta forma, é no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que se conserva um considerável volume documental (quase 200 metros lineares), relativo à assistência aos enjeitados, abrangendo um período temporal que remonta ao século XVII². Este conjunto inclui séries documentais distintas, embora detentoras de informações comuns e complementares. Algumas destas séries são de natureza rara, como é o caso dos **sinais de expostos** que são constituídos por bilhetes manuscritos, deixados junto de algumas crianças quando eram colocadas na roda. Por vezes, estes documentos eram acompanhados por objetos de diversas tipologias. Os sinais, na sua constituição mais simples (apenas bilhete manuscrito), ou mais composta (bilhete acompanhado de objeto), tinham por finalidade identificar os menores, no momento em que os pais os quisessem – ou pudessem – reclamar. Quem apresentasse um documento igual ao sinal deixado com a criança, comprovava que era o progenitor do menor, podendo reclamá-lo. Alguns destes documentos possuíam um recorte irregular, efetuado para efeitos de validação, uma vez que permitia encaixar as duas partes (o sinal e o respetivo contra-sinal).

¹ A “roda dos expostos” era uma estrutura de madeira, de forma cilíndrica, que servia para depositar anonimamente as crianças enjeitadas. Quando a ama ouvia a sineta (tocada no exterior), dirigia-se à estrutura e rodava-a para recolher o bebé que tinha acabado de ser depositado.

² Apesar da sede da Misericórdia de Lisboa e parte do edifício do Hospital de Todos-os-Santos (administrado pela Santa Casa) terem sido destruídos pelo terramoto de 1755, a documentação desta secção foi salvaguardada, presumindo-se que tenha sido transferida para outros espaços, alguns anos antes, tal como sucedeu com os expostos e as suas amas. Cf. *Relação verdadeira, e individual do formidável incendio, que se ateou no Hospital Real de Todos os Santos da cidade de Lisboa, em 10 de Agosto, deste anno de 1750*. Lisboa: na officina de Manoel Soares, 1750.

Além disso, os sinais assumiam-se como meio para transmitir informações sobre o menor e para partilhar preocupações, efetuar pedidos, partilhar sofrimentos e registar os motivos da exposição. Por vezes, o bilhete manuscrito era acompanhado por fitas, um sapatinho, ou até por uma carta de jogar, uma moeda, uma meia bordada pela mãe ou qualquer outro artefacto carregado de simbologia. Estes objetos registavam, igualmente, a vontade de colocar o exposto, não só ao abrigo e amparo de uma Instituição idónea, como sob a proteção e o resguardo de um elemento divino ou sagrado (imagens de santos, medalhas, crucifixos, etc.), profano (amuletos em forma de figa, com a configuração de um trevo de quatro folhas, etc.), ou mesmo afetivo (juntando uma madeixa de cabelo da mãe, a fotografia do pai, ou até o colar, o brinco ou o anel de família).

A Misericórdia de Lisboa possui o maior conjunto destes sinais, tanto em número de exemplares – mais de 87 mil – como em extensão cronológica – de 1790 a 1926. Acresce a este âmbito temporal mais dez sinais, o mais antigo dos quais datado de 1658, e os restantes datados entre 1690³ e 1788.

É também de salientar que esta documentação é muito rara, mesmo noutros países europeus, onde se praticou idêntica solução assistencial, vocacionada para o amparo da infância desprotegida, uma vez que estes elementos foram sendo destruídos, por se ter considerado que já não possuíam qualquer valor informativo.

Os sinais representam, pela sua diversidade, registos que permitem a recolha de informação abundante. Além disso, testemunham sentimentos profundos, muitas vezes repletos de espiritualidade, amor, sofrimento, ilusão ou angústia que conduziram ao ato da exposição. Deste modo, os sinais contemplam um invulgar manancial informativo – muitas vezes com mensagens ocultas – que possibilita o estudo de diversos temas, nomeadamente associados a:

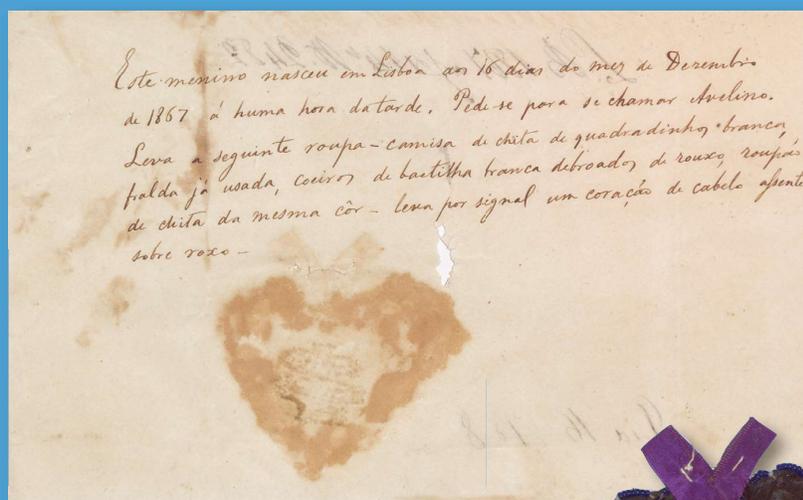
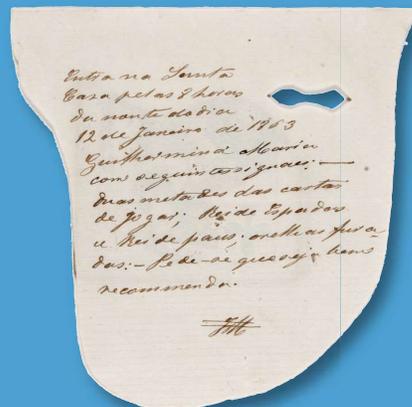
- religiosidade e superstição;
- formas decorativas ou artísticas presentes em alguns sinais;
- análise dos tecidos utilizados em determinada época;
- história, sociologia ou antropologia;
- assim como possíveis influências de outras culturas na realidade portuguesa.

Podemos realçar, a título exemplificativo, alguns sinais de crianças expostas que retratam e testemunham momentos históricos, conjunturas políticas, sociais e económicas marcantes, como é o caso das Invasões Francesas (período em que se transmitem nos sinais mensagens reveladoras do movimento migratório da população para Lisboa, em fuga ao invasor). Destacam-se, também, aqueles que espelham a vivência da guerra civil portuguesa, na década de 30 do século XIX, surgindo, nalguns deles, referências que transmitem mensagens explícitas de apoio à causa absolutista ou, pelo contrário, a adesão às novas ideias de índole liberal.

A incumbência da criação dos expostos foi concedida à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa no momento em que, por Carta Régia de 8 de fevereiro de 1768, o monarca atribuiu à Confraria a antiga Casa Professa de São Roque (da Companhia de Jesus), para aí instalar a sua sede, bem como as dependências destinadas ao acolhimento dos expostos e à criação das órfãs. Por este motivo, quando as novas instalações do Hospital de Todos-os-Santos foram inauguradas, em 1775, já sob a designação de Hospital de São José, esta instituição encontrava-se desvinculada da função que, secularmente, desempenhou no domínio da assistência à infância desfavorecida.

Sinal de Guilhermina Maria, criança exposta n.º 97 de 1863

O bilhete apresenta corte efetuado para efeitos de validação e está assinado, com as iniciais J. M. Inclui duas cartas de jogar, o rei de paus e o rei de espadas, ambas com corte efetuado para efeitos de validação. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Criação dos expostos, Entradas de Expostos, Entradas e batismos, *Sinais de entrada* (cód. ref.º: PT -SCMLSB SCML/CE/EE/EB/08/074/0063).



Sinal de Avelino, criança exposta n.º 2482 de 1867.

Inclui um coração de tecido roxo, bordado com linha dourada e contas azuis, no qual assenta uma trança de cabelo castanho. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Criação dos expostos, Entradas de Expostos, Entradas e batismos, *Sinais de entrada* (cód. ref.º: PT -SCMLSB SCML/CE/EE/EB/08/078/1540).

